

Golpe ou *impeachment*? Um embate ideológico sob a perspectiva da Análise do Discurso

Coup or impeachment? An ideological clash from a perspective of Discourse Analysis

Rafaela Regina Ghessi-Arroyo ¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo, a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (MAINGUENEAU, 2008), analisar o embate ideológico entre os que defendem a legalidade do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff em 2016, e os que acreditam que se configura como um golpe à democracia. O par Golpe/*Impeachment* representa os saberes de duas formações discursivas que estão em embate, de modo que cada uma corresponde uma maneira diferente de significar a destituição de Dilma Rousseff. Este trabalho defende a hipótese do primado do interdiscurso (MAINGUENEAU, 2008), em que, na perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva dos discursos, há uma relação inextricável entre o Mesmo do discurso e seu Outro. Tal perspectiva possibilitará a compreensão das diferenças e contradições que são postas em movimento nesses dois posicionamentos, evidenciando o funcionamento da ideologia materializada no discurso. Como *corpus* de análise, foram selecionadas publicações da rede social *Facebook*, um espaço que reforça questões polêmicas, além de ser um veículo de compartilhamento coletivo de opiniões e posicionamentos. Com as análises, foi possível observar que a FD de esquerda, por exemplo, visa dissociar todo termo semântico que considera o pedido de *impeachment* constitucional, enquanto que seu adversário integra esses termos em seu discurso, muitas vezes, integrando seu Outro como forma de simulacro, que consiste em criticar não a semântica do discurso adversário, mas sua pretensão em legitimar o discurso de direita.

Palavras-chave: Golpe. Polêmica. *Impeachment*.

ABSTRACT

The present work aims, based on the theoretical assumptions of the French Discourse Analysis (MAINGUENEAU, 2008), to analyze the ideological clash between those who defend the legality of the impeachment of the ex-president Dilma Rousseff in 2016, and those who believe that it is configured as a coup to democracy. The coup d'état/*Impeachment* pair represents the knowledge of two Discursive Formations that are in conflict, so that in each corresponds a different way of signifying the removal of Dilma Rousseff. This work defends the hypothesis of the primacy of interdiscourse (MAINGUENEAU, 2008), in which, in the perspective of a constitutive heterogeneity of the discourses, there is an inextricable relationship between the Same of the discourse and its Other; such a perspective will make it possible to understand the differences and contradictions that are set in motion in these two positions, showing the functioning of the ideology materialized in the discourse. As a corpus of analysis, publications from the social network Facebook were selected, a space that reinforces controversial issues, in addition to being a vehicle for the collective sharing of opinions and positions. With the analyses, it was possible to observe that the left DF, for example, aims to dissociate every semantic term that considers the request for impeachment to be constitutional, while its opponent integrates these terms in its speech, often integrating its Other as a form of simulacrum, which consists in criticizing not the semantics of the opposing discourse, but its intention to legitimize the right-wing discourse.

Keywords: Coup d'état. Controversy. *Impeachment*.

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). São José do Rio Preto/SP, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3816-111X>. E-mail: rafaela.rghessi@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Os pedidos de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff tiveram início após as eleições de 2014, com as manifestações contra seu governo. Em fevereiro de 2015, começaram as discussões no Senado brasileiro e, após os debates, ocorreram diversos pedidos de *impeachment* do governo Dilma por parte da oposição, de modo que, no dia 31 de agosto de 2016 foi aprovado pelo plenário do Senado, e a presidente, portanto, foi substituída pelo seu vice Michel Temer. Nesse sentido, não tardou para que iniciasse uma série de discursos a favor e contra o assunto, e, dividindo opiniões, surgiram diversos textos na internet nos quais era possível perceber o embate entre pró-*impeachment* e contra-*impeachment*. Os posicionamentos demarcaram uma linha divisória: de um lado os que consideram o pedido constitucional e de outro os que rejeitam firmemente a ideia denominando-a como golpe.

Assim, o presente trabalho tem por objetivo, a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa (MAINGUENEAU, 2008), analisar o embate histórico e ideológico entre os que defendem a legalidade do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff em 2016, e os que acreditam que essa ideia se configura como um golpe à democracia. O par Golpe/*Impeachment* representa os saberes de duas formações discursivas (FD) que estão em embate, de modo que em cada uma há uma maneira diferente de significar a destituição de Dilma Rousseff. Este trabalho defende a hipótese do primado do interdiscurso (MAINGUENEAU, 2008), em que, na perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva dos discursos, há uma relação inextricável entre o Mesmo do discurso e seu Outro. Tal perspectiva possibilitará a compreensão das diferenças e contradições que são postas em movimento nesses dois posicionamentos, evidenciando o funcionamento da ideologia materializada no discurso.

A conjuntura atual brasileira e o cenário político têm passado por grandes conflitos e diante dos acontecimentos desse campo, as redes sociais *on-line* serviram como fonte de compartilhamento de informações, discussões e críticas. Dessa forma, como *corpus* de análise, foram selecionadas publicações da rede social *Facebook*, um espaço que reforça questões polêmicas, além de ser um veículo de compartilhamento coletivo de opiniões e posicionamentos. Esse estudo se justifica pelo fato da política no Brasil ser um tema recorrente nos dias atuais e por muitas postagens sobre o cenário político do país repercutirem nas redes sociais. Como veremos na seção de análise, no ano em que este artigo foi desenvolvido (2020), a polêmica Golpe/*Impeachment* foi retomada nos discursos da esquerda e direita, referenciando o atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro.





Vale salientar que, neste trabalho, não serão abordados aspectos acerca da legitimidade da destituição da Presidente, isto é, o foco não é abordar aspectos jurídicos do *impeachment*, mas a discursivização do processo, compreendendo as práticas discursivas que o materializaram.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

2.1 Sobre formações discursivas

Como analistas do discurso, sabemos da dificuldade em delimitar com clareza a noção de formação discursiva. Pêcheux e Fuchs (1975), ao sinalizarem o papel das formações religiosas na Idade Média e darem informações sobre o retorno de alguns de seus ingredientes em formações ideológicas burguesas, expressam a dificuldade de caracterizar as fronteiras dos objetos reais que correspondem aos conceitos introduzidos:

Esta dificuldade resulta da contradição existente entre a natureza destes conceitos e o uso espontaneamente imobilista e classificatório [...] sob a forma de questões aparentemente inevitáveis do tipo: ‘quantas formações ideológicas existem numa formação social? Quantas formações discursivas pode conter cada uma delas?’ [...] uma discretização de tal ordem é radicalmente impossível. (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 168)

Essa discussão apresentada pelos autores incita-nos, como analistas, a pensar nosso objeto de análise e a tomarmos “certas” decisões. Neste trabalho, partimos da hipótese de que o par Golpe/*Impeachment* representa os saberes de duas formações discursivas que estão em embate, de modo que em cada uma há uma maneira diferente de significar a destituição de Dilma Rousseff. A análise será efetuada como se fosse pacífico haver uma formação discursiva de “direita”, que considera o pedido de impeachment constitucional, e outra formação discursiva de “esquerda”, que considera o pedido de impeachment como um golpe. Motta e Possenti (2008), em seu estudo denominado “*Direita e Esquerda: Volver?*”, aborda sobre a noção de formação discursiva nessa relação entre “Direita e Esquerda”, no qual este trabalho se apoia. Em suas palavras:

[...] há uma formação discursiva de “direita” e outra de “esquerda”, situadas, provavelmente, no campo político (para invocar uma terminologia de Maingueneau, 1984). Em seu interior, haveria temas como a violência, a segurança, o papel do Estado (na segurança, na economia), o papel dos fatores naturais e dos sociais em cada um desses outros “sub-campos” etc. Obviamente, tal análise decorre de uma tomada de decisão que não é nem “natural” nem óbvia. Decidir que o âmbito adequado da análise é o da política (e considerar os outros aspectos como temas em seu interior, eventualmente, saberes aos quais se apela) e





não, por exemplo, o dos saberes (no interior do qual a política seria um dos aspectos, uma prática à qual se apela) não é trivial. É tanto uma forma de “ver as coisas” quanto uma decisão de pesquisa. Talvez, no presente caso, uma tomada de decisão sobre a relevância da política. (MOTTA; POSSENTI, 2008, p. 313)

A noção de formação discursiva sofre e se beneficia de uma dupla paternidade: a de Michel Foucault e a de Michel Pêcheux. De acordo com Maingueneau (2008, p. 14, grifos do autor):

[...] a noção de formação discursiva é tomada, desde a origem, segundo duas problemáticas muito diferentes, que não definem claramente suas relações com o par “gênero/“posicionamento”. Além disso – e este é um ponto importante quando se trata de análise do discurso - os *corpora* de referência dos dois autores são muito diferentes: Foucault busca seus exemplos na história das ciências; Pêcheux na luta política (notemos que os gêneros citados entre parêntese privilegiam claramente os gêneros com finalidade ideológica aberta). O valor de “formação discursiva” é então consideravelmente afetado.

Partindo da tese de Maingueneau (2008), seria possível levantar sistemáticos empregos de formação discursiva nos trabalhos de Análise do Discurso, pois sua delimitação ainda é problemática. No entanto, de acordo com o autor, “formação discursiva” é empregada, na maioria das vezes, em situações em que o analista se depara com um conjunto de textos que não corresponde a uma categorização clara. Dessa forma, para Maingueneau (2008), as formações discursivas seriam unidades “não-tópicas”, construídas pelos pesquisadores independentemente de fronteiras preestabelecidas. Para ele, unidades como “o discurso racista”, “o discurso colonial”, por exemplo, não podem ser delimitadas por outras fronteiras senão aquelas estabelecidas pelo pesquisador e devem ser historicamente especificadas: “Os *corpora* aos quais elas correspondem podem conter um conjunto aberto de tipos e de gêneros do discurso, de campos e de aparelhos, de registros” (MAINGUENEAU, 2008, p. 18).

Retomando a discussão feita por Motta e Possenti (2008, p. 313) sobre a delimitação de “direita” e “esquerda”:

Se considerarmos que a gestão de um discurso por uma instituição é o traço distintivo de uma FD ou de um posicionamento, a conclusão a que se deve chegar é que direita/esquerda são formações discursivas ou que são posicionamentos? A resposta não é evidente: se, por um lado, há diversos partidos de esquerda e de direita, nem por isso se pode dizer que um deles ou alguma instituição que os unifique (como a Internacional Socialista) garanta sua gestão institucional. Por outro, também é bastante claro que o modo de gestão das esquerdas e das direitas não é tão “vago” como o são o do racismo e do machismo.

Assim como em Motta e Possenti (2008), este trabalho seria uma evidência a mais a justificar a avaliação de Maingueneau (2008): “[...] não haveria análise do discurso se não houvesse





agrupamentos de enunciados inscritos nas fronteiras, mas, por outro lado, também não haveria análise do discurso, se o sentido se fechasse nessas fronteiras” (MAINGUENEAU, 2008, p. 25). Pautando-se na definição de FD proposta por Foucault, a especificidade deste trabalho se estabelece pela possibilidade de compreensão das diferenças e contradições que é posta em movimento na FD de direita e na FD de esquerda, evidenciando o funcionamento da ideologia materializada no discurso. Os sentidos de FDs, como será apresentado, não se fecham em suas próprias fronteiras, de modo que há uma relação inextricável entre o Mesmo do discurso e seu Outro.

2.2 O primado do interdiscurso

A análise discursiva deste artigo se apoia na hipótese do primado do interdiscurso, defendido por Maingueneau (2008), em seu livro “*Gêneses do Discurso*”. De acordo com o autor, os linguistas são levados a distinguir duas formas de presença do “Outro” em um discurso, a heterogeneidade “mostrada” e a “heterogeneidade “constitutiva”:

Só a primeira é acessível aos aparelhos linguísticos, na medida em que permite apreender sequências delimitadas que mostram claramente a alteridade (discurso citado, autocorreções, palavras entre aspas etc...). A segunda, ao contrário, não deixa marcas visíveis: as palavras, os enunciados de outrem estão tão intimamente ligados ao texto que elas não podem ser apreendidas por uma abordagem linguística *stricto sensu*. Nossa própria hipótese do primado do interdiscurso inscreve-se nessa perspectiva de uma heterogeneidade constitutivas, que amarra, em uma relação inextricável, o Mesmo do discurso e seu Outro. (MAINGUENEAU, 2008, p. 31)

Em outras palavras, os discursos não se constituem independentemente uns dos outros, mas se constituem sempre a partir do Outro. Logo, para compreender a formação de um discurso, é preciso observar sua relação com o Outro: daí o conceito de interdiscurso. De acordo com Maingueneau (2008, p. 37):

O Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade externa [...] Ele se encontra na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum possível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. Ele é aquele que faz sistematicamente falta a um discurso e lhe permite encerrar-se em um todo. É aquela parte de sentido que foi necessário o discurso sacrificar para constituir a própria identidade.

Maingueneau (2008), ao sustentar que o primado do interdiscurso possibilita a emergência de discursos e a produção de sentidos, apresenta o interdiscurso como uma tríade, composta pelo:





universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. Por “universo discursivo”, o autor entende como o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada. Esse universo representa, necessariamente, um conjunto finito, mesmo que ele não possa ser apreendido em sua globalidade (MAINGUENEAU, 2008, p. 33). Para o autor, “É de pouca utilidade para o analista e define apenas uma extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão construídos domínios suscetíveis de ser estudados, os campos discursivos” (MAINGUENEAU, 2008, p. 33). Por “campo discursivo”, Maingueneau (2008, p. 34) entende como:

[...] um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada um universo discursivo. “Concorrência” deve ser entendida da maneira mais ampla; ela inclui tanto o confronto aberto a aliança, a neutralidade aparente, etc... entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida.

Para o autor, é no interior do campo discursivo que se constitui um discurso, e sua hipótese é que tal constituição “pode deixar-se descrever em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes” (MAINGUENEAU, 2008, p. 34). Isso não significa que os discursos se constituam todos da mesma forma em um determinado campo; nem é possível determinar *a priori* as modalidades das relações entre as diversas formações discursivas de um campo. Assim, é preciso isolar, no campo, “espaços discursivos”, isto é, “subconjuntos de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação” (MAINGUENEAU, 2008, p. 35).

Pensando na tríade proposta pelo autor, para a construção de um *corpus*, é preciso fazer escolhas, construir hipóteses. Por exemplo, para este trabalho, foi isolado o campo “político” do “universo discursivo”, que, por sua vez, foram isolados dois subconjuntos de formações discursivas: o da direita e o da esquerda. É preciso salientar que o discurso de direita e o discurso de esquerda não são os únicos que fazem parte do campo “político” e, por exemplo, o discurso da esquerda não era o único por meio do qual o discurso da direita teria podido constituir-se. Para esse recorte, partimos do contexto político vivenciado no Brasil, o qual se explicaria essencialmente o discurso da esquerda como uma “reação” contra o discurso da direita, como será possível observar nas análises a seguir.



2.3 A polêmica como interincompreensão

Pêcheux e Fuchs (1975) defendem que é o conceito de Formação Discursiva que explica o fato de sujeitos falantes, tomados em uma conjuntura histórica determinada, poderem concordar ou se afrontar sobre o sentido das palavras, de modo que os sentidos das palavras não existem em si mesmo, mas é determinada a partir da posição ideológica a qual é produzida. Diante disso, uma palavra ou expressão podem possuir diferentes significados a depender do lugar que são enunciadas. De acordo com Melo (2002, p. 253):

Se uma palavra, expressão ou proposição, puder pertencer a mais de uma formação discursiva poderá ter mais de um sentido, não por questões de ambiguidade gramatical (esta só existe formalmente na enunciação), mas porque as condições de produção determinam e limitam o sentido de um enunciado. As mesmas palavras, os mesmos argumentos podem ser usados por diferentes discursos, mas, dependendo de quantas forem as formações discursivas existentes, as mesmas palavras, os mesmos argumentos não falam as mesmas coisas.

Nesse sentido, as palavras e expressões, como é o caso de Golpe/*Impeachment*, só adquirem sentido dentro de uma FD, ou seja, seu sentido é determinado pelas ideologias e pelo lugar ocupado pelo sujeito. Isso se manifesta no fato de que cada discurso é delimitado por uma grade semântica que, em um mesmo movimento, funda o desentendimento recíproco (MAINGUENEAU, 2008, p. 99). Nesse jogo de interpretações, de (re)significar a destituição de Dilma- Rousseff, repousa “um conjunto de semas repartidos em dois registros: de um lado, os semas “positivos”, reivindicados; de outro, os semas “negativos”, rejeitados” (MAINGUENEAU, 2008, p. 99). Em outras palavras:

[...] esses enunciados do Outro só são “compreendidos” no interior do fechamento semântico do intérprete; para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se com o outro como tal, mas comente com o simulacro que dele constrói. (MAINGUENEAU, 2008, p. 100)

Consideramos o espaço discursivo como uma rede de interação semântica, em que as formações discursivas encontram-se presas em um dialogismo: “a totalidade dos enunciados que se desenvolvem através delas está, *ipso facto*, inscrita nessa relação, e todo enunciado do discurso rejeita um enunciado, atestado ou virtual, de seu Outro do espaço discursivo” (MAINGUENEAU, 2008, p. 38). Desse modo, podemos dizer que o discurso segundo remete no todo ou em parte ao Outro através do qual ele mesmo se constituiu em um processo de *interincompreensão* generalizada:





[...] não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de “não compreender” o sentido dos enunciados do Outro; são duas facetas do mesmo fenômeno. No modelo, isso se manifesta no fato de que cada discurso é delimitado por uma grade semântica que, em um mesmo movimento, funda o desentendimento recíproco. (MAINGUENEAU, 2008. p. 99)

Assim, cada FD tem uma maneira própria de interpretar seu Outro e uma maneira própria de significar temas, personalidades, debates, etc., tomados em uma conjuntura histórica determinada. A relação com o Outro é constitutiva e essa relação define o modo de coexistência de um discurso com outros discursos. É por intermédio da alteridade que há o rompimento da continuidade do mesmo:

[...] é o corpo verbal do Outro, seu modo de “incorporação”; posto em conflito com o corpo citante que o envolve, o elemento citado se expulsa por si próprio, pelo simples fato de que se alimenta de um universo semântico incompatível com o da enunciação que o envolve. A tradução do Outro, a construção de um simulacro, podem, pois, abranger todos os planos da discursividade. (MAINGUENEAU, 2008, p. 108)

3 O PAR GOLPE/*IMPEACHMENT* SOB ANÁLISE DE DUAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS

Em 31 de agosto de 2016, Dilma Rousseff perdeu o cargo de Presidente da República após 3 meses de tramitação do processo de *impeachment* iniciado no Senado, que culminou em uma votação no plenário. O motivo do pedido de *impeachment* foi justificado pelas chamadas pedaladas fiscais, termo utilizado para descrever uma manobra contábil feita pelo Poder Executivo para cumprir as metas fiscais, fazendo parecer que haveria equilíbrio entre gastos e despesas nas contas públicas. Antes da ex-presidente perder seu cargo no Governo, a direita brasileira, já em 2014, após as eleições, organizou manifestações populares que ocorreram em diversas regiões do país, tendo como principais objetivos protestar contra o governo Dilma e requerer seu *impeachment*. Paralelamente, a esquerda brasileira organizou manifestações contra o processo de *impeachment*, de modo que em seus protestos liam-se cartazes enfatizando que o *impeachment*, na verdade, era um golpe e contra a democracia brasileira. Nas manifestações, já foi possível observar o embate ideológico entre aqueles que consideram o pedido constitucional e os que rejeitam firmemente a ideia, denominando-a como golpe.

Para este artigo, escolhemos trabalhar com as publicações na rede social *Facebook* por servirem como fonte de compartilhamento de informações, discussões e críticas. Dessa forma, o corpus selecionado para as análises constitui-se em uma série de publicações retiradas do próprio *feed*



de notícias da rede social da autora, de modo que, como critério de seleção, foram consideradas as postagens mais recentes. Os perfis dos autores não foram analisados e nem ponderados para seleção, no entanto, para um trabalho futuro, seria de suma importância considerar as condições de produção.

A seguir, analisaremos algumas publicações e mobilizaremos os conceitos antes abordados; assim será possível observar o funcionamento da ideologia materializada nos discursos. Na publicação exposta a seguir, os enunciados produzidos pelo sujeito são demarcados por jogos de alteridade, de modo que há marcas evidentes de distanciamento entre o Eu e o Outro.

Figura 1: Publicação a favor do *impeachment*



Fonte: Facebook²

Ao enunciar “Não vai ter golpe”, o sujeito retoma uma formulação que advém do discurso daqueles que são contra o processo de *impeachment*. No entanto, ao introduzir “Vai ter *impeachment*”, o sujeito, que enuncia de uma FD oposta e que está em embate, rejeita o discurso de seu Outro. Logo, sendo um discurso constituído em um espaço discursivo anterior, é compreensível que o discurso segundo remeta no todo ou em parte ao Outro, do qual ele mesmo se constituiu, seja por movimentos de negação quanto de afirmação. De acordo com Maingueneau (2008, p. 40):

² Optou-se por fazer referência às pessoas (usuários da rede social *facebook*, autores da postagem) que construíram os comentários pela forma não marcada, evitando, portanto, a exposição dos mesmos. Essa justificativa implica a todas as publicações/comentários que serão postos em análises nessa seção.

O espaço discursivo tem então um duplo estatuto: pode-se apreendê-lo como um modelo dissimétrico que permite descrever a constituição de um discurso, mas também como um modelo simétrico de interação conflituosa entre dois discursos para os quais o outro representa totalmente ou em parte seu Outro.

É nessa situação de interação e polêmica entre os discursos, no processo de dupla tradução, que vai nos interessar essencialmente. Certamente, tanto de um lado, como de outro, põe-se um problema de tradução entre sistemas que pretendem pertencer ao mesmo campo, falar da “mesma” coisa; no entanto, a polêmica revela um tratamento semântico diferente ao par Golpe/*Impeachment* a depender da FD. Nas palavras de Michel Pêcheux (1997, p. 145):

Uma palavra, uma expressão ou uma proposição não têm um sentido que lhes seria próprio, como se estivesse preso a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva.

Essa relação com o exterior, mostra-se, portanto, constitutiva e delimitadora da identidade do discurso (MAINGUENEAU, 2008). Essa identidade acaba significando que o discurso de direita rejeita a noção de golpe e o interpreta de uma forma distinta do discurso de esquerda. A seguir vamos analisar outro exemplo que salienta a noção de heterogeneidade constitutiva e de significação:

Figura 2: Publicação a favor do *impeachment*

Não existe golpe quando se cumpre a Constituição. Não existe golpe quando o Supremo Tribunal Federal avaliza, determina o rito a ser seguido. Não existe golpe quando os parlamentares eleitos pela sociedade brasileira é que definirão o que vai acontecer com o país. O golpe foi dado sim, com o estelionato eleitoral de 2014, com as mentiras sucessivas, com a burla da Lei de Responsabilidade Fiscal, com a utilização de dinheiro da propina na campanha eleitoral. Este foi o grande golpe. - Aécio Neves, após entrevista de líderes da oposição com correspondentes de jornais e agências de notícias estrangeiras, para enfrentar a narrativa do PT e da presidente da República de que o Brasil está prestes a sofrer um golpe.

Fonte: Facebook

Nessa publicação, o discurso oponente é rejeitado por meio da negação (“não”), a qual está associada a marcas claras, presentes no intradiscurso. Utilizando um marcador explícito de negação, é materializado um posicionamento que é negado, mostrando o encontro de dois discursos em relação polêmica. O discurso acima utiliza a expressão “golpe” 6 (seis) vezes, mas nenhum com o mesmo sentido da FD contra o *impeachment*. A expressão golpe não se refere ao “Golpe de Estado”, como ocorreu em 1964 e como a FD contra o *impeachment* defende que ocorreu em 2016, mas refere-se, como expostos no texto analisado, ao estelionato eleitoral de 2014, às mentiras sucessivas, à burla da Lei de Responsabilidade Fiscal e à utilização de dinheiro da propina na campanha eleitoral. Nos exemplos a seguir, observamos outros significados que a FD de direita dá à noção de Golpe.

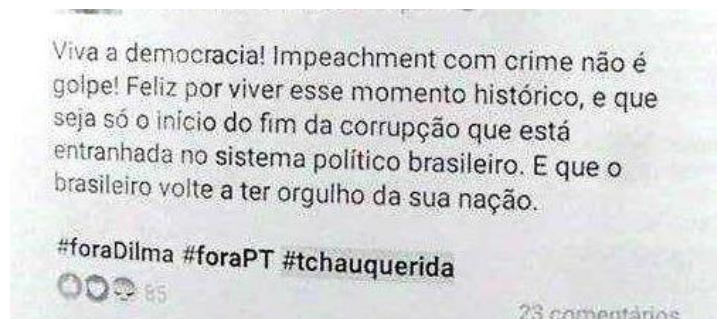
Figura 3: Publicação a favor do *impeachment*

#Golpe e roubar o #Brasil #ForaPT

Fonte: *Facebook.*

Na publicação exposta na Figura 3, golpe é traduzido pela FD de direita como “roubo”, sugerindo que o governo de Dilma Rousseff roubou o país. Vemos mais uma vez que a expressão golpe é retomada no discurso como forma de negação, de distanciamento do discurso do Outro. O mesmo observamos na publicação a seguir:

Figura 4: Publicação a favor do *impeachment*



Fonte: *Facebook*

O sujeito enuncia de uma FD que defende a legalidade do *impeachment* contra a presidente Dilma, pois, para ele, houve um “crime”. Este sujeito utiliza expressões em oposição a ex-presidente, como “foraDilma”, “tchauquerida”. Além disso, observamos em seu discurso, que a significação de *impeachment* não restringe apenas a destituição da presidente, mas significa um “momento histórico”,

“o fim da corrupção”, além de significar um processo “democrático”. O mesmo pode ser observado no discurso a seguir:

Figura 5: Publicação a favor do *impeachment*

Mais um momento histórico na política brasileira!!
 Uma pena esse acontecimento ser por tanta
 corrupção e roubalheira do NOSSO dinheiro!!!
 O processo de Impeachment acaba de ser aprovado
 na Câmara dos Deputados e seguirá ao Senado!!!

Fonte: *Facebook*

Nos exemplos a seguir, “Golpe” aparece entre aspas, demarcando um distanciamento.

Figura 6: Publicação a favor do *impeachment*

#Impeachment2016

Relaxa Dilma, lembre-se das sábias palavras de uma
 ex-presidenta, incompetente e arrogante: Nem quem
 ganhar nem quem perder, vai ganhar ou perder, pq
 quem ganhar ou perder vai perder!
 Que os "golpes" continuem! Afinal tem uma galera pra
 rodar por aí ainda. Agora vamos ver se os Petistas
 (declarados ou não) e todos nos juntamos para ir
 limpando esse brasil dessa corja. Um bom começo é
 não reeleger praticamente nenhum político!

Fonte: *Facebook*

Figura 7: Publicação a favor do *impeachment*

Engraçado né, todo político corrupto quando é descoberto "sofre golpe".
 Ahhhhhh vá vá vá
 Lula sofreu golpe
 Dilma sofreu golpe
 Agora esse vampiro do Temer tb sofrendo golpe.
 Judiação, morro de pena
 Golpe sofremos nós, owww

Fonte: *Facebook*

Os sujeitos enunciadorees tentam se separar do Outro, já que enunciam do interior de uma FD a favor ao processo de *impeachment* e, portanto, defende a constitucionalidade do *impeachment*. Na publicação da Figura 10, o sujeito utiliza adjetivos pejorativos para referenciar a ex-presidente, tais como “incompetente” e “arrogante”, além de traduzir seus eleitores como “petistas”. Para a FD do



sujeito que produziu a publicação exposta na Figura 7, quem sofreu o golpe, na verdade, foi a população brasileira pela corrupção dos políticos.

Vemos que a palavra golpe percorreu a FD a favor o processo de *impeachment*, porém com uma finalidade e um sentido diferente da que vamos observar nos discursos pertencentes à FD oposta. Esta ideia está em consonância com o que defende Authier-Revuz (1990), a saber, que os discursos são constitutivamente heterogêneos, ou seja, eles nascem de outros discursos e essa heterogeneidade pode ou não ser mostrada por marcas linguísticas.

Figura 8: Publicação contra o *impeachment*

Gostaria que TODOS os que de alguma forma foram responsáveis pelo **#Golpe** no Brasil reflitam sobre os danos que estão acontecendo em nossa Educação! Minha revolta não é somente pensar que esses **#Golpistas** estão no comando do MEC, é pensar também o quanto eles são farsantes, mentirosos e desprezam a inteligência dos brasileiros.

Fonte: *Facebook*

No exemplo anterior, o sujeito que enuncia o faz de uma FD contra o *impeachment*, no qual nomeia de golpe a destituição de Dilma. Podemos perceber também o uso da expressão “golpista” para referenciar àqueles que apoiam a saída de Dilma do governo. Assim como nos outros exemplos, há uma ruptura com a continuidade do Mesmo por meio de fragmentos localizáveis do Outro: “aparece como um engodo necessário, que introduz apenas o simulacro através do próprio gesto que parece introduzir a realidade de um corpo estranho” (MAINGUENEAU, 2008, p. 107). Nesse discurso, o sujeito traduz o impeachment como “dano à educação brasileira”. Como vamos observar nos exemplos a seguir, a FD de esquerda busca trazer, aos seus enunciados, discussões a respeito da educação, das lutas sociais, da mulher na sociedade etc. Isso poderia ser justificado por meio da definição e distinção entre esquerda e direita proposta por Bresser-Pereira (2007, p. 83):

Meu conceito de esquerda e direita tem como critérios a justiça social e a ordem pública, de um lado, e o reconhecimento ou não da necessidade de intervenção do Estado na economia, de outro. Enquanto alguém de direita prioriza sempre a ordem em relação à justiça, quem é de esquerda está disposto a arriscar a ordem em nome da justiça social; enquanto o conservador é hoje um neo ou ultraliberal, o progressista defende um grau razoável de intervenção do Estado para corrigir as falhas alocativas e distributivas do mercado.

Assim, a partir da interpretação e distinção do autor, podemos dizer que um posicionamento típico de esquerda é priorizar a justiça social, e um posicionamento típico de direita é priorizar a ordem (pública) (MOTTA; POSSENTI, 2008). A seguir expomos um exemplo que salienta essa noção:

Figura 9: Publicação contra o *impeachment*

o golpe não foi contra a Dilma, não, viu? ela continua feliz, dando rolê de bike, sabendo que fez o que pôde o golpe foi contra mim e você, que começamos ou vamos começar nossas carreiras em breve com 1/3 dos direitos trabalhistas que temos hoje o golpe foi contra a juventude negra que já não morre o suficiente nas mãos do estado, né? o golpe foi contra a periferia o golpe foi contra nós, mulheres o golpe foi contra o trabalhador foi contra o estudante o golpe foi contra a democracia foi contra tudo isso, mas contra a corrupção não foi. se alguma coisa, foi a favor dela! a favor de virar a lei pra quem pagar melhor, a favor de manter no poder quem já está e sempre esteve lá espero que sirva como lição, pelo menos: o único "tchau, querida" que você vai dar agora vai ser se despedindo de todos os seus direitos

Fonte: Facebook

Nessa publicação, o processo de *impeachment* é traduzido como: golpe aos direitos trabalhistas; golpe contra a juventude negra; golpe contra a periferia; golpe contra as mulheres; golpe contra o trabalhador; golpe contra o estudante; golpe contra a democracia e golpe aos direitos básicos de todos os cidadãos. Na publicação da Figura 4, conseguimos observar o modo de coexistência dos discursos. Naquele discurso, a destituição da presidente significa “o fim da corrupção” e um processo “democrático”. Aqui, a destituição foi um “golpe a democracia” e não uma “luta contra a corrupção”. Nos exemplos a seguir há o mesmo jogo de significações:

Figura 10: Publicação contra o *impeachment*

(A luta não acabou ontem)
Com a vitória para o retrocesso histórico, nos deparamos com a partida de uma recente democracia "tchau, querida" se refere justamente a ela. A liberdade de escolher quem nos representa passou a ser julgada por 513 pessoas, sendo o mediador um ladrão que o STF não tem capacidade de julgar, enfim, o golpe está dado; porém o clamor pelas DIRETAS JÁ está vindo...
#resistência #respeiteasurnas #PUCcontraogolpe #USPcontraogolpe #vemprademocracia

Fonte: Facebook

Figura 11: Publicação contra o *impeachment*

😞 Hoje faz 4 ANOS DO GOLPE que derrubou do poder a presidenta Dilma Rousseff, a primeira mulher eleita democraticamente para comandar o Brasil.

Um golpe que feriu a democracia do nosso país, retirou direitos, destruiu serviços públicos, espalhou o ódio e a miséria. O golpe, na verdade, foi contra o povo brasileiro.

#golpe2016 #foiogolpe #dilm Rousseff

Fonte: Facebook

Para a FD de esquerda, o processo de *impeachment* é um “retrocesso histórico” e não um “momento histórico”, como vimos nas Figuras 4 e 5. Além disso, salienta-se que o *impeachment* foi um golpe, um processo antidemocrático e que “retirou direitos, destruiu serviços públicos, espalhou o ódio e a miséria”. Dessa forma, em relação ao tema do *impeachment*, o posicionamento de esquerda considera que o *impeachment* é um golpe, um processo antidemocrático, que fere os direitos humanos e coaduna com a violação da justiça social. Segundo esse ponto de vista, a presidente Dilma Rousseff, eleita democraticamente pela população brasileira, não provocou nenhum crime de responsabilidade e, assim, o processo de *impeachment* foi ilegal.

A partir da análise do par Golpe/Impeachment, evidenciamos que o uso de certas expressões ou palavras por duas FD's em concorrência promove uma relação polêmica que, neste trabalho, dividiu duas FD's: uma contra o processo de *impeachment* e outra que é a favor. Nas tabelas abaixo, vemos o processo de nomeação utilizado por usuários contra e a favor do processo de *impeachment*:





Tabela 1: Expressões usadas para referenciar ao processo de *impeachment*

FD de direita	FD de esquerda
Impeachment	Golpe
Constitucional	Ilegal
Democrático	Antidemocrático
Momento histórico	Retrocesso histórico
Contra a corrupção	Contra os direitos humanos

Fonte: elaboração própria

Tabela 2: Expressões usadas para referenciar a ex-presidente Dilma

FD de direita	FD de esquerda
Fora Dilma	Fica Dilma
Tchau querida	Dilmãe
Tchau bandida	

Fonte: elaboração própria

Em princípio, quando um sujeito, posto em posição de discurso-agente da direita, traduzir o processo de *impeachment*, ele o fará utilizando expressões que estão na coluna “FD de direita”; se utilizar expressões da coluna “FD de esquerda” será para “expulsar”, distanciar-se, negar o Outro. O que é assim rejeitado pelo texto da direita não são, pois, unicamente alguns conteúdos, é também toda a discursividade da esquerda, toda sua semântica, radicalmente Outra em relação àquela que a envolve (MAINGUENEAU, 2008, p. 108). De acordo com Maingueneau (2008, p. 108): “A polêmica aparece exatamente como uma espécie de homeopatia pervertida: ela introduz o Outro em seu recinto para melhor afastar sua ameaça, mas esse Outro só entra anulado enquanto tal, simulacro”.

Vale observar, por fim, que após 4 anos da saída de Dilma Rousseff do poder presidencial, a polêmica Golpe/*Impeachment* foi retomada nos discursos da esquerda, referenciando o atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. Como podemos ver, a seguir, algumas publicações:



Figura 12: Publicação contra o *impeachment*

Hoje a ex presidente Dilma faz aniversário. Lembrei do golpe de 2016 e pensei: o que falta pro impeachment do Bolsonaro?

Siga @casadasredesninja e acompanhe notícias da capital federal e Brasil central

[#politica](#) [#golpe](#) [#dilma](#) [#aniversario](#) [#impeachment](#)



Fonte: *Facebook*

Figura 13: Publicação contra o *impeachment*

A verdade que tentam esconder...

Tivemos dois golpes na Democracia: 2016 em cima da DILMA com a pedalada fictícia e em 2018 com a prisão mandrake do LULA aplicada pelo juiz-ministro que se beneficiou diretamente e na cara dura da treta montada.

[#LulaLivre](#) [#AnulaSTF](#) [#Golpe2016](#)

Fonte: *Facebook*

Figura 14: Publicação contra o *impeachment*

Essa gente SUJA conseguia chegar ao poder graças à IGNORÂNCIA da população e com ajuda de veículos de comunicação parciais como essa própria Revista ISTOÉ, VEJA, GLOBO, RECORD, BAND, etc. Desde o #Golpe2016. O "anti-petismo" inconsequente, afloraram na Classe-média preconceituosa e elitista, e no povo pobre MANIPULADO paranóias como "menos direitos, mais empregos", "sindicatos são todos vagabundos", "precisamos armar a população pra matar os marginais", "#ReformaTributária é boa", etc. O problema hoje é que até a Justiça (STF por exemplo) tbm é suja e tem o rabo preso, com suas regalias infinitas e votando o aumento de seus próprios salários, aumento esse que foi negado na época da #PresidenteDilma e que foi um dos estopins para o apoio massivo ao #impeachment por alegadas "pedaladas fiscais" que depois foram cometidas por Temer, Doria, etc. NUNCA FOI CONTRA A CORRUPÇÃO.

Fonte: Facebook

Figura 15: Publicação contra o *impeachment*

!!! A retirada da presidenta Dilma Rousseff à base de um golpe nos custou caro. Os retrocessos sociais e ataques à classe trabalhadora foram se acentuando nos primeiros meses do governo ilegítimo de Michel Temer. Logo de cara aprovaram a Lei do Teto de Gastos, congelando investimentos por 20 anos em áreas essenciais, como educação e saúde. Em seguida, os golpistas atentaram contra os direitos dos trabalhadores, ao impor uma reforma para desmanchar a proteção social garantida pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Continuando o show de horrores, o então deputado do baixo clero Jair Bolsonaro foi eleito presidente, dando voz aos discursos que até então estavam enterrados no submundo da barbárie, discurso de ódio, misoginia, violência, LGBTfobia e apoio à exploração desenfreada do meio ambiente.

Fonte: Facebook

Nas 4 (quatro) publicações, o processo de *impeachment*, que ocorreu em 2016, é significado como golpe. Na Figura 12, o enunciador utiliza de uma imagem que contrasta o motivo pelo pedido de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff (pedaladas fiscais) e os motivos que poderiam levar o *impeachment* de Jair Bolsonaro, interrogando “O que falta para o impeachment de Bolsonaro?”. A expressão “pedaladas fiscais”, como observamos nas Figuras 13 e 14, aparecem como forma de negação, recusa e distanciamento, pois para esse posicionamento, não ocorreram ou não foram motivos de um *impeachment*, por isso o golpe. Em 13, o enunciador refere-se às pedaladas como fictícias e em 14, o enunciador as referenciam com aspas (marca de heterogeneidade, como já vimos).



A esquerda, atualmente, utiliza do acontecimento de 2016 como uma forma de protestar contra o atual governo. Notamos retomadas de expressões dos discursos de 2016, tais como: “golpe da democracia”, “nunca foi contra a corrupção”, “retrocessos sociais”, “ilegítimo” e “golpistas”. Além de enfatizar nos discursos a noção de justiça social como forma de criticar o atual governo (“Os retrocessos sociais”, “ataques à classe trabalhadora”, “Continuando o *show* de horrores, o então deputado do baixo clero Jair Bolsonaro foi eleito presidente, dando voz aos discursos que até então estavam enterrados no submundo da barbárie, discurso de ódio, misoginia, violência, LGBTfobia e apoio à exploração desenfreada do meio ambiente”).

Na FD de direita, essas expressões não emergiriam no exterior de seus discursos, pois não fazem parte de sua semântica global e nem no domínio de sua memória discursiva. Nas palavras de Courtine (1999, p. 18): “É no espaço interdiscursivo que se poderia denominar, seguindo M. Foucault, *domínio de memória*, que constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciator na formação dos enunciados “pre-construídos”, de que sua enunciação apropria-se”. Ainda de acordo com o autor:

Citação, recitação, formação do preconstruído: é assim que os objetos do discurso, dos quais a enunciação se apodera para coloca-los sob a responsabilidade do sujeito enunciator, adquirem sua estabilidade referencial no domínio de memória como espaço de recorrência das formulações (COURTINE, 1999, p. 20)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionado na seção de introdução, não é objetivo deste trabalho discutir acerca da legitimidade da destituição da Presidente, isto é, o foco não é abordar aspectos jurídicos do *impeachment*, mas a discursivização do processo, compreendendo as práticas discursivas que o envolve. A partir do exposto, conseguimos ver o embate ideológico que percorre duas formações discursivas: a FD de esquerda, que defende a inconstitucionalidade do *impeachment* e a FD de direita, que legitima o *impeachment*, defendendo sua constitucionalidade. As discussões apresentadas anteriormente possibilitam a compreensão das diferenças e contradições que são postas em movimento nesses dois posicionamentos, evidenciando o funcionamento da ideologia materializada no discurso. A FD de esquerda, por exemplo, visa dissociar todo termo semântico que considera o pedido de *impeachment* constitucional, enquanto que seu adversário integra esses termos em seu discurso, muitas vezes, integrando seu Outro como forma de simulacro, que consiste em criticar não



a semântica do discurso adversário, mas sua pretensão em legitimar o discurso de direita. A relação com o Outro é função da relação consigo mesmo (MAINGUENEAU, 2008, p. 104).

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativas(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 19, p. 25-42, 1990.

BRESSER-PEREIRA, L. C. Esquerda nacional e empresários na América Latina. **Lua Nova**, n. 70, p. 83-100, 2007.

COURTINE, J. J. O Chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. *In*: INDURKY, F. (org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999. p. 15-22.

MAINGUENEAU, D. **Gêneses dos discursos**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOTTA, A. R.; POSSENTI, S. Direita e esquerda: volver! JIED: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO DISCURSO, 2008, 1. ed., Maringá. **Anais [...]**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2008. p. 303-315.

MELO, C. T. V. Deslocamentos de sentido do enunciado “O petróleo é nosso”. **Revista Letras**, Curitiba, n. 57, p. 251-269, 2002.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 163-252.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

Artigo recebido em: 09/02/2021

Artigo aprovado em: 27/08/2021

Artigo publicado em: 19/10/2021

COMO CITAR

GHESSI-ARROYO, R. R. Golpe ou *impeachment*? Um embate ideológico sob a perspectiva da Análise do Discurso. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 10, p. 1-20, e02119, 2021.

